



**SUMÁRIO EXECUTIVO DO
PLANO DE AÇÃO NACIONAL PARA A
CONSERVAÇÃO DOS PEQUENOS CETÁCEOS**



O Brasil, como país megadiverso, é responsável pela gestão do maior patrimônio natural do mundo. Cabe ao Instituto Chico Mendes a definição das estratégias para conservação das espécies de fauna brasileira. Para tanto, atua na avaliação do estado de conservação da fauna brasileira, na publicação das listas de espécies ameaçadas e livros vermelhos, e na elaboração, implementação e monitoria dos Planos de Ação Nacionais para conservação das espécies.

Os planos de ação são ferramentas de gestão para conservação da biodiversidade, tendo como objetivo pactuar com diferentes atores institucionais estratégias para recuperação e conservação das espécies.

O Plano de Ação Nacional dos Mamíferos Aquáticos – Pequenos Cetáceos foi aprovado por meio da Portaria ICMBio nº 86, de 27 de agosto de 2010. Nele, são propostas duas frentes de trabalho: o aumento do conhecimento sobre as espécies deficientes de dados e ações de conservação efetivas para salvaguardar as espécies com ameaças iminentes.

Neste Plano de Ação foram considerados os botos e golfinhos das famílias Delphinidae, Iniidae, Kogiidae, Ziphiidae e Phocoenidae, totalizando 34 espécies registradas para o Brasil. As principais ameaças à conservação destas espécies estão relacionadas aos impactos antrópicos, como as atividades pesqueiras e a caça intencional, a poluição, ao turismo e lazer e a perda de hábitat.

A seguir informações sobre algumas espécies sob maior pressão antrópica.

BOTO-CINZA

TAXONOMIA

Ordem: Cetaceae - **Família:** Delphinidae - **Gênero e espécie:** *Sotalia guianensis*

ASPECTOS BIOLÓGICOS

Amplamente conhecida na costa brasileira, *Sotalia guianensis* é chamada de boto-cinza desde o litoral do Pará até Santa Catarina. O comprimento total máximo registrado para a espécie é de 220 cm, com um peso total máximo de 121 kg. A longevidade estimada para a espécie é de cerca de 30 a 35 anos. A espécie alimenta-se principalmente de peixes teleosteos e lulas.

ABRANGÊNCIA (ÁREA DE OCORRÊNCIA)

O Boto-cinza é um golfinho costeiro, com distribuição registrada desde Honduras, na América Central, até o Estado de Santa Catarina, no sul do Brasil.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

APA Delta do Parnaíba, APA Barra de Mamanguape, ARIE Manguezais da Foz do Rio Mamanguape, APA Estadual de Tambaba, APA Costa dos Corais, APA de Anhatomirim, APA de Guaraqueçaba, APA de Guaratuba, APA de Iguape/Cananéia, APA de Paranaguá, APA Estadual Caraíva-Trancoso, APA Estadual da Baía de Camamu, APA Estadual da Coroa Vermelha, APA Estadual do Guaibim, APA Estadual do Litoral Norte, APA Estadual do Pratagi, APA Estadual Itacaré-Serra, APA Estadual Mangue Seco, APA Estadual Ponta da Baleia, APA Estadual Santo Antônio, APA Estadual Tinharé-Boipeba, APA Municipal da Costa Dourada, APA Municipal da Península de Marajú, APA Municipal dos Recifes das Pinaúnas, ESEC de Tupinambás, ESEC de Tupiniquins, PARNA do Superagüi (Ilha das Peças), PARNA Marinho de Abrolhos, PE da Ilha do Cardoso, PM Marinho Recife de Fora, RESEX Marinha da Baía de Iguape e RESEX Marinha do Corumbau.



Distribuição geográfica de *Sotalia guianensis* (Fonte: Bastida et al., 2007).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A distribuição costeira de *Sotalia guianensis* a torna extremamente vulnerável às redes de pesca. O hábito costeiro e a ocorrência freqüente do Boto-cinza em ambientes estuarinos tornam a espécie susceptível também aos efeitos da poluição. Além da poluição, outras alterações ambientais, em especial em áreas de estuários, um dos habitats de alta incidência de *Sotalia guianensis*, são ameaças adicionais à conservação desta espécie, como as atividades de sísmica na plataforma continental e o intenso tráfego de embarcações.



Fábia Luna



BOTO-VERMELHO

TAXONOMIA

Ordem: Cetaceae - **Família:** Delphinidae - **Gênero e espécie:** *Inia geoffrensis*

ASPECTOS BIOLÓGICOS

O Boto-vermelho, *Inia geoffrensis*, essencialmente fluvial, é o maior dos golfinhos de rio, sendo endêmico das bacias dos rios Amazonas e Orinoco. Seu corpo é robusto, hidrodinâmico e bastante flexível quando comparado com outros golfinhos. Machos adultos são bem maiores e mais robustos que as fêmeas.

Assim como as outras espécies aquáticas, a reprodução do boto está fortemente associada ao ciclo hidrológico da região. Cópula e nascimentos ocorrem entre os meses de maio/junho a setembro, durante o final da cheia e durante a vazante na Amazônia Central. O intervalo mínimo entre nascimentos, quando não ocorre a perda do filhote, é estimado em cerca de três anos e a fêmea engravida novamente no final do segundo ano de lactação.

Essencialmente piscívoro, utiliza mais de 45 espécies de peixes na sua dieta, embora existam registros de ingestão de caranguejos e de tartarugas. Como predadores aquáticos de topo da cadeia alimentar, os botos exercem importante função no controle da qualidade do ecossistema aquático da Amazônia.

ABRANGÊNCIA (ÁREA DE OCORRÊNCIA)

Distribui-se por todos os principais tributários e afluentes dos rios Amazonas e Orinoco, rios menores e lagos no Brasil, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela. Está limitada por grandes cachoeiras e fortes corredeiras. Embora comuns nos rios amazônicos, os botos apresentam uma forte relação com as margens, revelando uma forte dependência por áreas de remanso e confluência de rios e paranãs, dentro de uma faixa de 150 m das margens e de áreas de várzea, usadas pelas fêmeas e filhotes.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

APA da Margem Direita do Rio Negro, APA da Margem Esquerda do Rio Negro, APA de Parintins Nhamundá, APA do Arquipélago do Marajó, APA do Lago Ayapuá, ESEC de Juami-Japurá, ESEC de Jutai-Solimões, ESEC de Maracá, ESEC do Jari, PARNA da Amazônia, PARNA da Serra do Divisor, PARNA de Anavilhanas, PARNA do Cabo Orange, PARNA do Jaú, PE da Serra do Araçá, PE de Guajará-Mirim, PE de Nhamundá, RDS de Amaná, RDS de Mamirauá,



Distribuição geográfica de *Inia geoffrensis* (Fonte: Bastida et al., 2007).



RDS de Piagaçu-Purus, RDS do Lago Tupé, REBIO do Abufari, REBIO do Guaporé, REBIO do Lago Piratuba, REBIO do Rio Trombetas, REBIO do Uatumã e RVS de Sauim-Castanheira.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Sem predadores naturais, a maior ameaça à espécie é a captura incidental em redes de pesca, que embora ocorra ao longo de toda a sua distribuição, ainda não está quantificada. Além disso, nos últimos anos foi iniciada uma matança direcionada de botos para serem usados como isca na captura de um peixe liso, conhecido na Amazônia Brasileira como piracatinga ou Urubu-d'água (*Collophysus macropterus*).

Além disso, o Boto-vermelho ainda enfrenta a destruição e degradação ambiental em certas áreas da região, causada pelo aumento do tráfego de embarcações, como por exemplo, os grandes cargueiros no rio Trombetas, e pelas atividades petroquímicas, como a exploração e transporte de óleo e gás entre Coari e Manaus. Os projetos para implantação de novas usinas hidrelétricas, que fragmentam as populações, reduzindo o seu potencial genético, e os projetos no setor hidroviário visando ligar a região Centro-Oeste ao Oceano Atlântico, aumentando a ocupação humana na Amazônia e a demanda por proteína animal, são ameaças ao ambiente aquático que afetam diretamente o boto e a sua sobrevivência nos rios da Bacia Amazônica. Além das atividades impactantes, também podem ser citadas as mineradoras, o garimpo, a contaminação por agrotóxicos e os fertilizantes e programas de agricultura em larga escala, como o caso do plantio de soja na Amazônia, assim como a criação de búfalos em áreas de várzea.

GOLFINHO-NARIZ-DE-GARRAFA

TAXONOMIA

Ordem: Cetaceae - **Família:** Delphinidae - **Gênero e espécie:** *Tursiops truncatus*

ASPECTOS BIOLÓGICOS

O Golfinho-nariz-de-garrafa, *Tursiops truncatus*, conhecido também como Golfinho-flíper ou boto, pode ser considerado como um golfinho arquetípico, sem grandes variações morfológicas do padrão geral da família Delphinidae. Apesar de haver variação geográfica na espécie, pode ser descrito como tendo corpo robusto, rostro curto e um melão bem demarcado. Sua coloração é acinzentada-escuro na porção dorsal e vai clareando lateralmente até o ventre cinza-claro ou rosado. Não apresenta dimorfismo sexual marcante e seu comprimento varia entre 2,4 e 3,8 m para machos e 2,4 e 3,7 m para fêmeas, e seu peso em torno de 250 a 500 kg. Como predadores aquáticos de topo da cadeia alimentar, os botos exercem importante função no controle da qualidade do ecossistema aquático da Amazônia.

ABRANGÊNCIA (ÁREA DE OCORRÊNCIA)

Tursiops truncatus é um delfínido de ampla distribuição, ocorrendo em zonas tropicais e temperadas de todo o mundo. É uma espécie com grande plasticidade comportamental, ocupando diferentes habitats, desde regiões costeiras, lagoas, estuários e mares internos até águas pelágicas e ilhas oceânicas. No Atlântico Sul Ocidental distribui-se desde o Caribe até a Província de Chubut, Argentina. Em águas oceânicas o limite norte de sua distribuição estende-se até o Arquipélago de São Pedro e São Paulo. No sul do Brasil ocorre frequentemente em águas costeiras, penetrando em estuários e rios.



Distribuição geográfica de *Tursiops truncatus*
(Fonte: Bastida et al., 2007).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

APA da Baleia-Franca, APA da Costa dos Corais (provavelmente), APA de Anhatomirim, ARIE das Ilhas Cagarras, ESEC dos Tupiniquins (provavelmente), REBIO Marinha do Arvoredo e RESEX Marinha de Arraial do Cabo.



PRINCIPAIS AMEAÇAS

Devido a sua ampla distribuição em uma diversidade de habitats distintos, a espécie provavelmente está sujeita a diferentes pressões antrópicas ao longo da costa brasileira. Uma vez que utilizam áreas com grande influência humana, é provável que estejam vulneráveis a alterações do meio-ambiente. A espécie está sujeita a encalhes, capturas incidentais, perda de habitat e alimento pela interação com a pesca e pela degradação do ambiente costeiro.

TUCUXI

TAXONOMIA

Ordem: Cetaceae - **Família:** Delphinidae - **Gênero e espécie:** *Sotalia fluviatilis*

ASPECTOS BIOLÓGICOS

Sotalia fluviatilis é conhecida popularmente na Amazônia como boto-tucuxi ou simplesmente tucuxi. É considerado o menor dos delfínidos e atinge no máximo 150 cm de comprimento e 45 a 50 kg de peso. Não apresenta dimorfismo sexual evidente e só é possível diferenciar machos de fêmeas com o exame da região genital. Seu corpo é hidrodinâmico e robusto, como o dos outros delfínidos. A coloração do corpo pode variar de cinza-escuro a cinza-claro, com a região ventral rosada ou esbranquiçada e os flancos mais claros, com uma linha cinza que separa a região ventral da dorsal e que vai desde o rostro, passando pelo canto da boca e pela linha logo abaixo dos olhos até a nadadeira peitoral.

Os nascimentos parecem ocorrer sincronizados com o nível dos rios, onde o pico de nascimentos ocorre durante a vazante e seca, nos meses entre agosto e novembro.

ABRANGÊNCIA (ÁREA DE OCORRÊNCIA)

Ocorrem preferencialmente em áreas abertas, sem vegetação de cobertura, preferindo os rios principais, junção de rios, canais e desembocaduras, raramente penetrando nas florestas alagadas. Endêmico da Bacia do rio Amazonas, existem registros de tucuxi para quase todos os principais afluentes, rios menores e lagos, desde o Peru, Colômbia e Equador até sua foz. No Brasil, ocorre praticamente em todas as bacias dos principais rios da Amazônia, tanto de águas claras, brancas ou negras. Sua distribuição é limitada por corredeiras e cachoeiras e por rios estreitos e de pouca profundidade.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

APA da Margem Direita, APA de Parintins Nhamundá, APA do Arquipélago do Marajó, APA do Lago Ayapuaá, da Margem Esquerda do Rio Negro, ESEC de Juami-Japurá, ESEC de Jutai-Solimões, ESEC de Maracá, ESEC do Jari, PARNA da Amazônia, PARNA da Serra do Divisor, PARNA de Anavilhanas, PARNA do Cabo Orange, PARNA do Jaú, PE da Serra do Araç, PE de Guajará-Mirim, PE do Rio Negro, RDS de Amaná, RDS de Piagaçu-Purus, RDS do Lago Tupé, REBIO do Lago Piratuba, REBIO do Rio Trombetas e REVIS de Sauim-Castanheira.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A espécie não é caçada diretamente, mas está sujeita à intensa ação antrópica. Existem registros de capturas incidentais em redes de pesca ao longo de todo o ano e de toda a distribuição da espécie, embora este impacto ainda não esteja quantificado. Outras ameaças estão relacionadas à destruição do habitat, incluindo a poluição por efluentes, agrotóxicos e metais pesados, barramentos de rios para fins hidrelétricos, desmatamentos das margens dos rios e lagos, aumento do tráfego de embarcações e atividades de exploração e transporte de óleo e outros produtos petroquímicos.



Distribuição geográfica de *Sotalia fluviatilis*
(Fonte: Bastida et al., 2007).



GOLFINHO-ROTADOR

TAXONOMIA

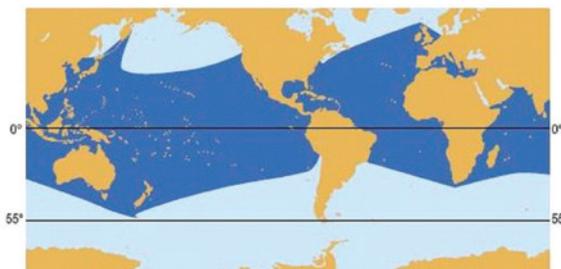
Ordem: Cetaceae - **Família:** Delphinidae - **Gênero e espécie:** *Stenella longirostris*

ASPECTOS BIOLÓGICOS

O Golfinho-rotador, *Stenella longirostris*, exibe uma das maiores variabilidades em termos de forma e coloração já observadas em cetáceos, com diversos padrões registrados em diferentes oceanos. O corpo é geralmente alongado, mas pode ser mais robusto, dependendo da população. Exibe um melão achatado e um rostró longo e bem definido. O padrão básico de cor inclui uma capa dorsal escura, laterais cinza mais claras e o ventre branco ou cinza-claro. A margem inferior da capa dorsal tende a correr paralela ao maior eixo do corpo. Observa-se uma faixa escura que liga a nadadeira peitoral ao olho e dali se conecta com a borda escura da boca. É um golfinho relativamente pequeno, tendo em média 180 cm, mas podendo alcançar 240 cm, e pesar de 75 a 80 kg. O período de gestação é de aproximadamente 11 meses e os filhotes nascem com aproximadamente 75 cm.

ABRANGÊNCIA (ÁREA DE OCORRÊNCIA)

O Golfinho-rotador tem uma distribuição tropical e temperada nos Oceanos Atlântico, Pacífico e Índico, ocorrendo preferencialmente em águas pelágicas e costeiras profundas, com limites de distribuição perto dos 30° norte e sul. Costumam ser avistados na plataforma externa e além do talude. No Brasil, a presença da espécie foi registrada nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Ceará e Piauí.



Distribuição geográfica de *Stenella longirostris*
(Fonte: Bastida *et al.*, 2007).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

PARNA Marinho de Fernando de Noronha, RESEX Marinha de Arraial do Cabo (provavelmente).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A área de maior concentração conhecida da espécie em águas brasileiras é a Baía dos Golfinhos, em Fernando de Noronha, onde os animais se agrupam para descanso, socialização e reprodução. A principal ameaça atualmente nessa região é o desenvolvimento do turismo. Nas regiões Sudeste e Sul do Brasil existem registros de captura incidental da espécie em redes de pesca oceânica.

GOLFINHO-DE-DENTES-RUGOSOS

TAXONOMIA

Ordem: Cetaceae - **Família:** Delphinidae - **Gênero e espécie:** *Steno bredanensis*

ASPECTOS BIOLÓGICOS

O golfinho-de-dentes-rugosos, *Steno bredanensis*, diferencia-se dos outros golfinhos pela ausência de uma demarcação clara entre o melão e o rostró. Isso dá uma aparência cônica à cabeça, acentuando a forma fusiforme do corpo. Dorsalmente, a coloração é cinza-escura, podendo ser negra, e a capa dorsal tem um estrangulamento acentuado à frente da nadadeira dorsal. O ventre é branco, podendo ter tons rosados, frequentemente com manchas escuras, desta forma, conferindo um aspecto "malhado" à parte inferior do corpo. É comum apresentarem cicatrizes espalhadas pelo corpo. A longevidade de alguns indivíduos foi estimada em 32 anos.

Formam grupos geralmente de até 50 indivíduos, mas um grupo de mais de 100 animais já foi encontrado encalhado. Grupos mistos com outros gêneros de delfínídeos já foram observados (*Tursiops* e *Stenella*).



Apesar de ser considerado um golfinho oceânico por diversos autores, no Brasil tem sido frequentemente registrado perto da costa. Estudos voltados para a sua alimentação reforçam a distribuição da espécie sobre a plataforma continental.

ABRANGÊNCIA (ÁREA DE OCORRÊNCIA)

É a única espécie do gênero (*Steno*), ocorrendo em águas tropicais, subtropicais e temperadas quentes de todos os oceanos e mares adjacentes, mas alguns indivíduos encalharam em áreas mais frias, fora da área normal de distribuição.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

APA de Cairuçu (provavelmente), ARIE das Ilhas Cagarras (provavelmente), ESEC dos Tupiniquins (provavelmente) e RESEX Marinha de Arraial do Cabo (provavelmente).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Mundialmente existem capturas direcionadas para a espécie, como no Japão, Antilhas e Sri Lanka, África e Caribe, assim como capturas incidentais na pescaria de atum no Pacífico tropical. No Ceará é a segunda espécie mais afetada pela captura incidental, tendo também sido capturada em redes de pesca no Rio de Janeiro. Análises de contaminantes em tecidos de *S. bredanensis* sugerem que esta seja uma possível ameaça à espécie.



Distribuição geográfica de *Steno bredanensis*
(Fonte: Bastida et al., 2007).

ORCA

TAXONOMIA

Ordem: Cetaceae - **Família:** Delphinidae - **Gênero e espécie:** *Orcinus Orca*

ASPECTOS BIOLÓGICOS

A Orca é o maior representante da família Delphinidae. Os machos atingem cerca de 8 m de comprimento (máximo 9,8 m) e as fêmeas 7 m (máx. 8,5 m). O tamanho robusto, o distinto padrão de coloração, que inclui uma mancha oval branca pós-ocular, e o grande tamanho da nadadeira dorsal são características diagnósticas que tornam a espécie a de mais fácil identificação entre os odontocetos. A nadadeira dorsal dos machos adultos é triangular e chega a medir 1,8 m de altura; já a das fêmeas e machos juvenis é falcada e atinge no máximo 0,9 m.

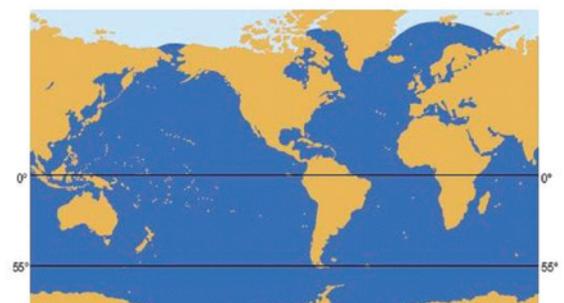
O intervalo entre nascimentos é de aproximadamente 5 anos, e o período de gestação dura 15-18 meses. O desmame pode ocorrer após o primeiro ano, mas o filhote geralmente fica dependente até os dois anos de idade.

A dieta da Orca é extremamente ampla e pode variar sazonalmente e regionalmente. Suas presas incluem várias espécies de peixes ósseos (ex.: salmão e arenque) e cartilagosos (tubarões e raias), mamíferos aquáticos (cetáceos, pinípedes, sirênios e mustelídeos), pinguins e outras aves marinhas, tartarugas-marinhas, lulas e polvos. Enquanto algumas populações de Orcas apresentam estratégias oportunistas de forrageamento, alimentando-se tanto de peixes como de mamíferos e outras presas, existem populações com técnicas altamente especializadas de acordo com o tipo de presa e de hábitat.

As Orcas se destacam por uma extraordinária organização social, de base matrilinear. O tamanho dos grupos varia de 2 a 50 indivíduos, mas eventualmente podem ocorrer agregações desses grupos, totalizando centenas de indivíduos, e animais solitários também podem ser encontrados. Outra característica interessante é o complexo repertório vocal.

ABRANGÊNCIA (ÁREA DE OCORRÊNCIA)

A Orca é uma espécie cosmopolita, encontrada em todos os oceanos e principais mares, da região equatorial aos pólos, sendo mais abundante em altas latitudes.



Distribuição geográfica de *Orcinus orca*
(Fonte: Bastida et al., 2007).



Informações sobre a espécie em águas brasileiras são bastante limitadas e baseiam-se em registros esporádicos de encalhes e avistagens. Há registros ao longo de toda costa brasileira, exceto em águas costeiras do norte do Brasil.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Registros ocasionais ocorrem em algumas UCs ao longo a costa (por exemplo, RESEX Marinha de Arraial do Cabo e REBIO Marinha do Arvoredo).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Em águas brasileiras, as interações com a frota espinheleira que pesca atuns e espadarte em águas brasileiras são a maior ameaça em potencial à espécie.

Capturas incidentais em redes de emalhe e a degradação ambiental por fontes diversas de contaminação são também potenciais ameaças, em particular para as Orcas que habitam sazonalmente as águas costeiras do Rio de Janeiro.

ESTRATÉGIA DO INSTITUTO CHICO MENDES PARA A CONSERVAÇÃO DOS PEQUENOS CETÁCEOS

O PAN PARA CONSERVAÇÃO DOS PEQUENOS CETÁCEOS

Em 2009, o ICMBio estabeleceu uma nova metodologia de planejamento estratégico para a conservação de espécies ameaçadas. Em abril de 2010, o Instituto Chico Mendes, por meio do CMA, coordenou a consolidação deste Plano de Ação nos dias 28 e 30 de abril de 2010 com base nas informações providas por especialistas no Brasil.

O PAN Pequenos Cetáceos tem como objetivo reduzir o impacto antrópico e ampliar o conhecimento sobre pequenos cetáceos no Brasil nos próximos 5 (cinco) anos. Será coordenado pelo Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Aquáticos – CMA/ICMBio.

O Presidente do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) designará um Grupo Estratégico Assessor para cooperar no acompanhamento do PAN dos Pequenos Cetáceos.

A previsão de implementação está estabelecida em um prazo de cinco anos, com validade até agosto de 2015, e com supervisão e monitoria anual do processo de implementação.

PLANO DE AÇÃO - METAS E AÇÕES

1. Avaliação e redução do impacto da caça e da atividade pesqueira sobre pequenos cetáceos no Brasil nos próximos 5 anos – 11 ações;
2. Avaliação e redução do impacto da poluição sobre pequenos cetáceos no Brasil nos próximos 5 anos – 07 ações;
3. Avaliação e redução do impacto do turismo e lazer sobre pequenos cetáceos no Brasil nos próximos 5 anos – 05 ações;
4. Minimização da perda de habitat dos pequenos cetáceos no Brasil nos próximos 5 anos – 05 ações;
5. Ampliação do conhecimento científico sobre pequenos cetáceos no Brasil nos próximos 5 anos – 43 ações;
6. Ampliação da educação ambiental voltada para a conservação de pequenos cetáceos no Brasil nos próximos 5 anos – 06 ações;
7. Fortalecimento dos instrumentos políticos nacionais e internacionais para o manejo e conservação de pequenos cetáceos no Brasil nos próximos 5 anos – 30 ações.

Para conhecer as ações e os articuladores do PAN Pequenos Cetáceos acessar:
<http://www.icmbio.gov.br/menu/manejo-para-conservacao/planos-de-acao-para-conservacao>.

REALIZAÇÃO



COLABORAÇÃO



PROBIO II